

07/06/2019

FÉ SUFICIENTE PARA SUPERAR O CAPITALISMO!

Luís Henrique Leão

[Psicólogo. Professor da Universidade Federal do Mato Grosso]

As eleições de 2018 demonstram o quanto a religião se faz presente no cenário brasileiro e tem influência sobre temas da esfera pública. Houve uma mescla entre setores religiosos cristãos moralmente conservadores e um pensamento político mais voltado à direita que contribuiu para a decisão nas urnas. Como se não bastasse, setores do catolicismo e do protestantismo histórico, pentecostal e neopentecostal, demonstraram uma boa convivência e até mesmo afeição a discursos de ódio. Esse fato faz até lembrar o quanto um setor da igreja cristã alemã também apoiou fortemente o 3º Reich, Hitler e o Nazismo alemão.

Isso merece investigações socioantropológicas das ciências da religião, mas arrisco que, uma parte da explicação desse fenômeno, talvez esteja na questão do fundamentalismo associado a uma convivência harmônica com o capitalismo sob o receio de um comunismo que não flerta com a religião. O fundamentalismo religioso é um gravíssimo problema. Você pode ler o livro de Karen Armstrong *“Em nome de Deus: O fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo”* e verificar as marcas desse fenômeno nas três grandes religiões monoteístas do mundo.

Além do fundamentalismo, as igrejas grandes e de alto poder aquisitivo, têm opiniões revestidas sobre o manto da fé, mas, na verdade, refletem apenas sua posição de classe privilegiada – riqueza, *status* e poder! Curiosamente, esses foram os três elementos que Jesus negara nas tentações, de acordo com o evangelho de Mateus.

É muito curioso como se tenta harmonizar a figura central da fé cristã, Jesus de Nazaré, com um sistema tão distante de seus ideais, uma vez que se baseia na exploração e no lucro. Entre Cristo e esse tipo de cristianismo existe um grande abismo.

Assim, parece que entre os grupos cristãos majoritários no Brasil o “Evangelho da Casa Grande” tem mais espaço que o Evangelho da “senzala” de Nazaré – a boa notícia de libertação integral dos seres humanos de todas as opressões. Ora, o jovem da Galileia do primeiro século foi caracterizado por um amor revolucionário que marcou a sociedade. Basta uma simples leitura dos evangelhos para saber que as palavras e atitudes de Jesus foram claramente revolucionárias. Ele confrontou injustiças e desigualdades sobre os grupos mais pobres, vulneráveis e excluídos do seu tempo. Bom é saber que nem todo aquele que toma o nome de Jesus se rendeu ao altar do capital, pois existem vários grupos inspirados na fé cristã, entrincheirados nas lutas pela defesa da dignidade humana em tantos lugares.

A tradição cristã, portanto, pode e deve inspirar a fé para mudar o sistema injusto e desigual.

Muitos grupos atuam justamente na denúncia e na luta contra a superexploração de trabalhadores locais e migrantes e vão compondo uma contrahegemonia religiosa fundamental para a emancipação de trabalhadores da exploração, contribuindo para libertar a população de uma mentalidade que naturaliza explorações como se fosse supostamente uma ordem estável divinamente coordenada. Interessante que o filósofo Slavoj Žižek menciona o quanto a noção de amor universal de Deus, presente na fé cristã, faz uma espécie de “desacoplamento” que leva à desestruturação de papéis sociais atribuídos aos outros, utilizados para mantê-los em posição de subalternidade.

Boaventura de Souza Santos, grande sociólogo, foi capaz de sacar algo parecido. Ele escreveu sobre as teologias políticas progressistas contemporâneas e “Deus” como um verdadeiro ativista de direitos humanos. Ele é ateu e isso não o impediu de abrir esse diálogo com os setores religiosos e reconhecer seu potencial de transformação.

O que é preciso no Brasil é um despertar de diversos segmentos reacionários da sociedade de um estágio de “anestesia geral da alma” (FARMER, 2013, p. 3) em direção à luta por direitos humanos, saúde, democracia e justiça para poder “reimaginar a equidade” (FARMER, 2013). Convém lembrar que a história está repleta de pessoas, grupos e movimentos de transformação radical das sociedades, formados a partir da experiência com Jesus de Nazaré.

Sem recapitular essas lutas profundamente, mas apenas lembrar de sua existência: a figura de Thomaz Muntzer e o movimento dos camponeses na Alemanha do século XVI (que inclusive foi admirado por Marx e Engels, além de ser alvo de um grande livro do pensador marxista Ernst Bloch, *“Thomaz Muntzer: O Teólogo da Revolução”*). Outro pilar histórico é o movimento Quaker na Inglaterra do século XVII contra o tráfico de negros no período da escravidão colonial. Outro é o movimento do chamado Lutero Negro (Agostinho José Pereira) que fundara a Igreja do Mestre Divino em Recife, em 1841, composta por negras e negros livres (que alfabetizava pessoas em um momento de grande analfabetismo) e o movimento pelos direitos civis e contra a discriminação e o racismo nos Estados Unidos, liderados por gente como Howard Thurman (cuja vida e livros ainda precisariam ser melhor explorados no Brasil) e Martin Luther King Jr. e tantos outros.

Posso citar ainda, a resistência feita por tantos jovens protestantes e católicos na época da ditadura civil-militar no Brasil pós 1964 e a luta de tantos cristãos no Brasil contra o trabalho escravo contemporâneo, desde a década de 1970, entre outros exemplos de uma prática cristã revolucionária. Importante ainda lembrar da história de Isabella Bomfree.

CONTINUA

Uma mulher negra que nasceu em 1797 e era uma escrava em Ulster County, NY. Ela foi comprada/vendida várias vezes e foi sujeita a punições e trabalho pesado. Depois de liberta, durante os anos 1830 ela participou de movimentos avivalistas e declarou que o Espírito de Deus a convocou a espalhar a verdade. Ela se renomeou “<i>Sojourner Truth</i>” e se tornou uma poderosa voz na defesa dos direitos civis e sociais. Faleceu em 1883 e se tornou muito conhecida pela sua fala: “<i>Não é uma mulher?</i>” onde ela convoca mulheres para a luta dizendo que se Deus, em	Jesus de Nazaré, veio de uma mulher, todas as mulheres juntas podem mudar o mundo! Evangelho é anúncio da vida e libertação, portanto, quando cristãos se colocam ao lado da opressão e do sistema capitalista, já deixaram o evangelho fazer tempo. A fé transforma o mundo ao invés de afirmá-lo. Jesus disse: se tiverem fé poderão transpor montes. O capitalismo parece ser um monte intransponível. Por isso, Jesus segue nos inspirando a ter fé. Fé para mudar esse sistema injusto! ■■■
Referências ■ BOMFREE, I. Sojourner Truth: Ain't I A Woman?. In: https://www.nps.gov/articles/sojourner-truth.htm ■ FARMER, Paul. To repair the world. Paul Farmer Speaks to the next generation. California: University California Press, 2013. ■ SANTOS, Boaventura de Souza. Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2013. ■ ŽIŽEK, Slavoj. O absoluto frágil. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2015.	
<i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i>	